

Impolidez, desacordo e avaliatividade: por um procedimento de análise para caracterizar a violência verbal

Adelmo Cordeiro Galindo
Universidade de São Paulo, Brasil

Paulo Roberto Gonçalves-Segundo
Universidade de São Paulo, Brasil

Introdução

Este capítulo tem como objetivo geral investigar as relações entre polemicidade, gestão de desacordos e violência verbal em comentários conversacionais em sites de jornais. O presente trabalho foca na discussão sobre um procedimento metodológico multidisciplinar que busca articular conceitos retóricos, interacionais e linguísticos para descrever e explicar os atos de violência verbal em ambientes on-line. Para debater a pertinência da proposta, analisa-se especificamente uma cadeia de comentários extraídos em resposta a um artigo publicado pelo jornal Gazeta do Povo sobre o caso de aborto de uma criança de 10 anos, vítima de estupro.

O aparato teórico-metodológico que fundamenta a análise que apresentamos neste trabalho está centrada nos conceitos de polêmica (Kerbrat-Orecchioni, 1980; Amossy, 2017; Neves, 2017), desacordo (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2020[1958]), impolidez (Culpeper, 1996, 2005) e avaliatividade (Martin; White, 2005; Gonçalves-Segundo, 2011). A partir dessa articulação, a análise buscará evidenciar as correlações entre os aspectos interacionais da polêmica e do desacordo com as estratégias de impolidez e avaliações negativas que materializam essa violência nos comentários.

Este capítulo encontra-se organizado da seguinte forma: na primeira seção, apresentamos o aparato teórico que embasa o procedimento de análise a partir do qual desenvolvemos nosso estudo da violência verbal; na segunda

seção, descrevemos o *corpus* analisado neste trabalho e, na terceira seção, desenvolvemos nossa análise dos comentários de internautas a um artigo do jornal Gazeta do Povo sobre o aborto. Ao final, tecemos nossas considerações acerca da produtividade e da pertinência do aparato teórico e do procedimento de análise que apresentamos para o estudo da violência verbal.

1 Aparato teórico-metodológico

A constituição do *corpus* que analisamos neste capítulo tem como base o conceito de polêmica na perspectiva de Kerbrat-Orecchioni (1980), Amossy (2017) e Neves (2017). Os comentários de leitores da plataforma jornalística analisados neste trabalho foram selecionados por ocorrerem em um contexto de polêmica acerca do aborto. Por esse motivo, consideramos relevante situar esse conceito em nosso aparato teórico.

Na perspectiva dos referidos autores, a interação polêmica remete ao contexto de combate, de guerra, trazendo para a argumentação atitudes inerentes a esse cenário bélico em que o principal objetivo é vencer a batalha e eliminar o adversário. Nesse sentido, Kerbrat-Orecchioni (1980, p. 12) afirma que “o discurso polêmico é um discurso desqualificador. Isso significa que ele ataca um alvo [...] e investe todo arsenal de procedimentos retóricos e argumentativos no objetivo pragmático dominante de desacreditar o oponente e o discurso que ele sustenta”.

Nessa mesma perspectiva, Amossy (2017) salienta que a polêmica opera pela dicotomização de posições em torno de uma questão como a legitimidade do aborto, e por um movimento de polarização não apenas entre indivíduos, mas também entre grupos que defendem ideias divergentes e conflitantes, que não raro desemboca na desqualificação do outro como estratégia de afirmação do próprio argumento. Neves (2017) acrescenta, além disso, que é importante levar em consideração a repercussão pública e a difusão ampla e plausível do assunto em debate como fenômenos característicos da polêmica. Segundo Amossy (2017, p. 58):

É preciso ver que a polarização não provoca apenas um movimento de reagrupamento por identificação, ela trabalha também para “consolidar a identidade do grupo apresentando pejorativamente os outros” (Orkibi, 2008). Ela supõe a existência de um inimigo comum a tal ponto que à estratégia de afirmação positiva se acrescenta “uma estratégia de subversão” que vem depreciar “o *ethos* de grupos, de ideologias e de instituições concorrentes” (King; Floyd, 1971, p. 244; tradução da autora).

A discussão acerca do aborto suscita uma tomada de posição por parte dos leitores do jornal não só em relação ao conteúdo do artigo, no caso de nosso trabalho, como também posicionamentos entre os próprios leitores, que podem ser pensados em termos de acordos e desacordos argumentativos. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2020[1958]) salientam que a dinâmica argumentativa pressupõe a existência de um orador e um auditório, o que ocorre mesmo que essa interação seja mediada por plataformas e recursos digitais. Segundo os autores:

tanto o desenvolvimento como o ponto de partida da argumentação pressupõem acordo do auditório. Esse acordo tem por objeto ora o conteúdo das premissas explícitas, ora as ligações particulares utilizadas, ora a forma de servir-se dessas ligações; do princípio ao fim, a análise da argumentação versa sobre o que é presumidamente admitido pelos ouvintes (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2020[1958], p. 73).

Como os autores salientam, os ouvintes (ou leitores quando se trata de textos) podem recusar as proposições do orador (ou autor do texto), gerando assim um desacordo, seja por não aderirem às premissas, seja por seu carácter unilateral, seja por elas lhes soarem tendenciosas (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2020[1958], p. 73). É importante notar que, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2020[1958]), o acordo é o ponto de partida, a base sobre a qual o orador constrói sua argumentação. Nesse sentido, se não houver acordo algum entre o orador e o auditório, a argumentação torna-se inviável, não há base de sustentação. Nos comentários analisados neste trabalho, como apresentamos na análise do *corpus*, é possível notar que a violência verbal tende a emergir em um contexto de polêmica e de desacordo entre os interlocutores que discutem o caso de aborto, objeto do artigo comentado por eles.

É importante ressaltar que entendemos a violência verbal numa perspectiva mais ampla em relação à impolidez, da qual tratamos a seguir, no sentido de que a violência verbal inclui outros aspectos como *flaming* (Kayany,

1998), discurso de ódio (Melo, 2020) etc. Nesse sentido, para este trabalho, focamos nossa análise em atos de violência verbal que coincidem com atos de impolidez nas interações entre os comentaristas. Como salienta Culpeper (1996, p. 359), a percepção de que “o comportamento de polidez envolve, entre outras coisas, o reconhecimento de que o interlocutor é uma pessoa como você; o comportamento de impolidez nega esse reconhecimento”.

Conforme essa perspectiva, os atos de violência verbal se expressam mediante os atos de impolidez: estratégias de impolidez e subestratégias de impolidez positiva e negativa (Culpeper, 1996; 2005). Culpeper (1996) propõe duas listas de subestratégias de impolidez (positiva e negativa) e de agressão à face, dispostas a seguir. Nessas listas, o autor põe em evidência ações como o insulto a pessoas próximas, o ataque a crenças, papéis sociais, o descrédito em relação à veracidade do que se está dizendo, a negação da possibilidade de contra-argumentar, dentre outras.

Quadro 1. Estratégias de Impolidez

| Estratégias de impolidez |
|---|
| <ul style="list-style-type: none">▪ Impolidez direta (<i>Bald on record impoliteness</i>): o ato ameaçador da face (FTA) é realizado de forma direta, clara, inequívoca e concisa em circunstâncias em que a face não é irrelevante ou minimizada.▪ Impolidez positiva: o uso de estratégias pensadas para causar danos à face positiva do destinatário.▪ Impolidez negativa: o uso de estratégias pensadas para causar danos à face negativa do destinatário.▪ Impolidez indireta (<i>Off-record impoliteness</i>): o FTA é realizado por meio de uma implicatura, mas de tal forma que uma intenção possivelmente atribuída supera claramente qualquer outra.▪ Retenção de polidez (<i>Withhold politeness</i>): ausência de estratégia de polidez quando ela seria esperada. |

Fonte: Culpeper (2005, p. 41-44)

Quadro 2. Subestratégias de impolidez

| Subestratégias impolidez positiva | Subestratégias impolidez negativa |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> ▪ Ignore, despreze o outro: não reconheça a presença do outro. ▪ Exclua o outro de uma atividade. ▪ Desassocie-se do outro: por exemplo, negue associação ou espaço comum com o outro; evite sentar-se junto. ▪ Demonstre desinteresse, desconhecimento, antipatia. ▪ Use marcadores de identidade inadequados: por exemplo, use título e sobrenome quando um relacionamento próximo é pertinente, ou um apelido quando um relacionamento distante é pertinente. ▪ Use linguagem obscura ou sigilosa: por exemplo, mistifique o outro com jargão, ou use um código conhecido por outros no grupo, mas não pela pessoa-alvo. ▪ Busque discordância: selecione um tópico sensível. ▪ Faça o outro se sentir desconfortável: por exemplo, não evite o silêncio, faça piada, ou puxe uma conversa fiada. ▪ Use palavras tabu: xingue, use linguagem abusiva, ou profana. ▪ Chame o outro por apelidos: use nomes depreciativos. | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Gere medo: fomenta a crença de que uma ação prejudicial ao outro vai acontecer. ▪ Seja intransigente, despreze ou ridicularize: enfatize seu poder em relação ao outro. Seja desrespeitoso. Não trate o outro com seriedade. Desvalorize o outro (por exemplo, use diminutivos). ▪ Invada o espaço do outro: literalmente (por exemplo, posicionar-se mais próximo do outro do que o relacionamento permite) ou metaforicamente (por exemplo, pedir ou falar sobre informações que são demasiado íntimas dado o relacionamento). ▪ Associe explicitamente o outro a um aspecto negativo: personalize, use os pronomes "eu" e "você". ▪ Evidencie o estado de devedor do outro. |

Fonte: Culpeper (1996, p. 357-358)

Como é possível depreender das estratégias e das subestratégias de impolidez (positiva e negativa), Culpeper busca demonstrar como elas podem ser observadas nas interações sociodiscursivas como formas de não reconhecimento do outro enquanto semelhante, e, nesse sentido, como expressões de violência verbal. As subestratégias indicam como a impolidez pode ser sistematicamente orientada a atacar a face do interlocutor. As listas, ainda que provisórias, como salienta Culpeper (1996, p. 357), fornecem um ponto de partida para investigar mais profundamente a impolidez sem perder de vista a dimensão contextual. Ao propô-las, o autor ressalta a importância de se levar em consideração o contexto, para se proceder a uma análise adequada das estratégias discursivas que podem, ou não, ser impolidas. As listas também ressaltam que a impolidez não é aleatória; ela é estrategicamente empregada na interação (Culpeper, 2005).

Como muitas dessas estratégias envolvem avaliações sobre o outro e seus comportamentos, apreciações sobre o que se está em discussão e construções afetivas em torno de dados gatilhos, considerou-se relevante agregar ao procedimento analítico um aparato linguístico que permitisse dar conta, de forma detida, dessa diversidade. Logo, o sistema de AVALIATIVIDADE, proposto por Martin e White (2005) demonstrou ser uma ferramenta propícia.

Segundo Martin e White (2005, p. 1, tradução nossa), o Sistema de AVALIATIVIDADE analisa “como os falantes/escritores aprovam e desaprovam, valorizam e desvalorizam, concordam e discordam, por meio da linguagem”. Conforme Gonçalves-Segundo (2011), ele está associado aos Significados Identificacionais e Acionais, na medida em que a identidade se manifesta discursivamente por estilos que se relacionam com a rede de recursos interpessoais, como as avaliações instanciadas, o grau de comprometimento do ator social e as estratégias de construção de poder e solidariedade. Dessa forma, o Sistema de Avaliatividade visa a compreender esse processo intersubjetivo por meio do qual os falantes se alinham ou se distanciam de determinados sistemas de valor em dados contextos sociointeracionais. Segundo Fuzer e Cabral (2014), o foco do Sistema de AVALIATIVIDADE consiste em examinar os recursos linguísticos utilizados para expressar atitudes, construir alinhamentos e negociar relações interpessoais.

Martin e White (2005) descrevem o sistema de AVALIATIVIDADE a partir de três eixos de análise: ATITUDE, ENGAJAMENTO e GRADAÇÃO. Na pesquisa do doutorado, trabalhamos com os subsistemas de ATITUDE e GRADAÇÃO, que se mostraram mais relevantes para análise do *corpus* de nosso estudo.

O subsistema da ATITUDE é subdividido em quatro eixos de análise: **o tipo de atitude**, que consiste no caráter qualitativo da avaliação; **a polaridade**, que se subdivide em positivo ou negativo, a partir da cultura e dos significados construídos em um dado texto; **a responsabilidade**, ou seja, quem assume ou a quem é atribuído o papel de avaliador, se ao próprio enunciador, ou se ele atribui esse papel a outra voz; e **a manifestação**, que está relacionada à presença de um elemento léxico-gramatical na avaliação - caso que caracterizaria uma manifestação inscrita - ou à sua ausência, quando a avaliação se dá de forma implícita - caso em que se constataria uma manifestação invoca.

A ATITUDE consiste em um sistema semântico-discursivo da metafunção interpessoal da linguagem (Halliday, 2004), ou seja, em uma rede de opções linguísticas que permitem a expressão de **emoções** (afeto), de **juízos** (julgamento) sobre os comportamentos e de **avaliações** (apreciação) estéticas. Conforme Gonçalves-Segundo (2011, p. 171), os afetos se subdividem em eixos de *inclinação* – “avaliações acerca da desejabilidade de algo” –, *felicidade* – “rede de significados ligados, grosso modo, à alegria/tristeza e à afeição/antipatia” –, *segurança* – “sentimentos de paz/ansiedade e confiança/desconfiança em relação ao ambiente [...], o que inclui os indivíduos e as ações com os quais os agentes se envolvem” – e *satisfação* – “valorações de interesse/tédio e prazer/descontentamento em relação às atividades em que os atores sociais estão engajados”.

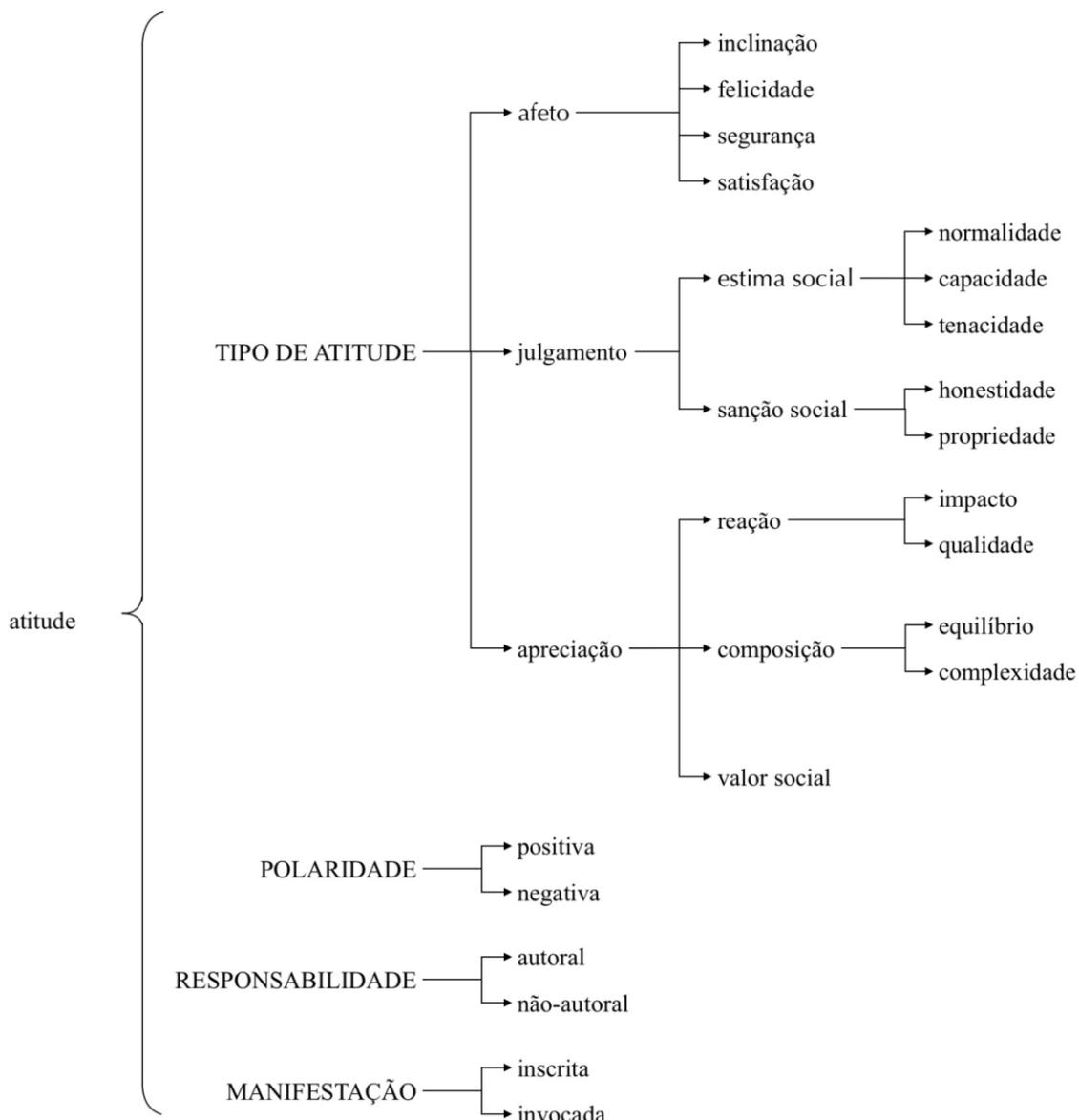
Segundo Martin e White (2005, p. 52), os **juízos**:

[...] podem ser divididos entre aqueles que tratam da “estima social” e aqueles orientados à “sanção social”. Os juízos de estima social têm a ver com “normalidade” (como alguém é incomum), “capacidade” (como são capazes) e “tenacidade” (como são resolutos); os juízos de sanção social têm a ver com “honestidade” (como alguém é verdadeiro) e “propriedade” (como alguém é ético).

Quanto à **apreciação**, os autores as distribuem em três categorias: *reação* (avaliação estética baseada na afeição emotiva ou desiderativa), *composição* (avaliação estética relacionada à percepção e à organização) e *valor social* (avaliação baseada na utilidade, importância, eficácia ou risco para os indivíduos).

Com base no que foi discutido e apresentado acima, temos o quadro da ATITUDE, disposto a seguir.

Quadro 3. O subsistema de ATITUDE



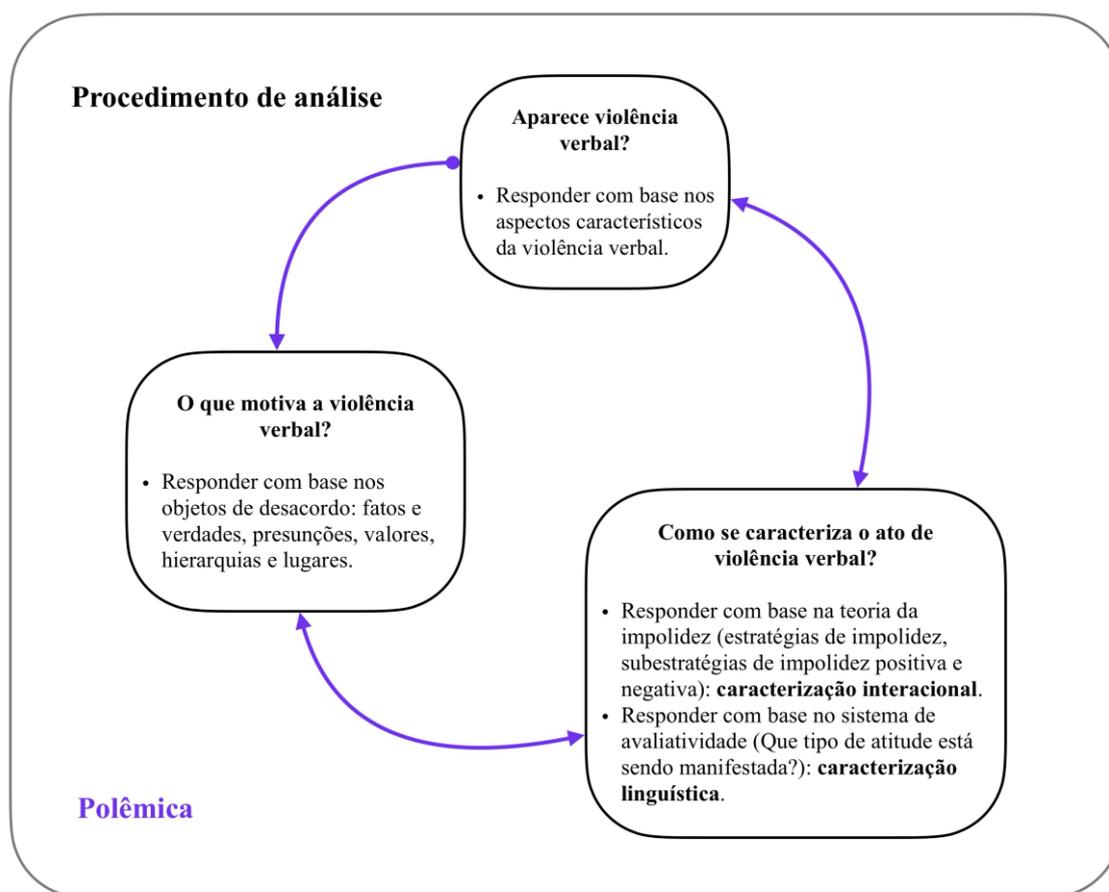
Fonte: Elaboração nossa, com base em Gonçalves-Segundo (2011)

A gradação, no Sistema de AVALIATIVIDADE proposto por Martin e White (2005), consiste na análise da intensificação ou quantificação (força) e da acentuação ou ofuscamento (foco) atribuídos ao objeto avaliado. A força está relacionada à intensidade ou quantidade com que se avalia algo e pode ser graduada por meio de recursos como repetição, uso de prefixos e sufixos, advérbios etc. O foco define em que medida o objeto avaliado corresponde a um núcleo ou instância prototípica de uma categoria semântica e pode ser

acentuado por meio de elementos como “verdadeiro”, “real”, “genuíno”; ou ofuscado mediante expressões como “do tipo”, “uma espécie de” etc.

Com base no aparato teórico que discutimos acima, desenvolvemos um procedimento para análise do *corpus* da pesquisa de doutorado e que aplicamos à análise do polílogo que apresentamos na **Seção 3**.

Quadro 4. Procedimento de análise



Fonte: Elaboração nossa

No procedimento de análise, partimos do *corpus* que foi selecionado por constituir uma interação que se dá em um contexto de **polêmica** (Kerbrat-Orecchioni, 1980; Amossy, 2017; Neves, 2017) e nos questionamos se aparece violência verbal nos comentários que estamos analisando. Considerando a manifestação da violência verbal na interação em análise, questionamo-nos o que a motiva e como ela se caracteriza. A resposta a esse último questionamento se dá com base na teoria da impolidez (nas estratégias e

subestratégias de impolidez), que permite interpretar o ato de violência verbal, e o sistema de AVALIATIVIDADE, que permite descrever sua realização linguística.

2 Descrição do *corpus*

Os comentários analisados a seguir integram o *corpus* da pesquisa de doutorado do primeiro autor, que investiga a violência verbal em comentários de leitores on-line nas plataformas de dois jornais: Folha de São Paulo (FSP) e Gazeta do Povo (GP). Em termos de contextualização, o *corpus* da referida pesquisa é constituído de 172 comentários feitos a um artigo da FSP e de 54 comentários feitos a um artigo da GP. Ambos os artigos tratam do mesmo caso de aborto de uma criança¹ de 10 anos, que tinha engravidado após um longo período de abusos sexuais praticados por parte do tio, em uma cidade interiorana do Estado do Espírito Santo. O aborto foi autorizado judicialmente e ocorreu no Centro Integrado de Saúde Amaury de Medeiros (Cisam-UPE), em Recife (PE), em 16 de agosto de 2020. Após as primeiras leituras feitas do *corpus* citado acima, selecionamos 16 cadeias de comentários (oito cadeias de comentários de cada um dos artigos) com atos de violência verbal. A primeira cadeia de comentários ao artigo da GP², composta por um conjunto de seis enunciados dispostos em ordem cronológica, constitui o *corpus* que analisamos neste capítulo.

3 Análise do *corpus*

Antes de iniciarmos a análise do *corpus*, apresentamos uma breve descrição dos níveis de interação na cadeia de comentários analisados, de modo a deixar mais claro como seus autores interagem (**Quadro 3**). A descrição dos níveis a seguir tem como base o trabalho de Azevedo, Gonçalves-Segundo e Piris (2021, p. 2302), bem como a conceituação desenvolvida sobre o termo comentário on-line em Paveau (2021) e a especificidade do *corpus* desta pesquisa.

¹ De acordo com o artigo 2º do **Estatuto da Criança e do Adolescente** (Lei 8.069/1990), considera-se criança a pessoa com 12 anos de idade incompletos.

² Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/como-conflito-barbarie-bocalidade-nao-salva-crianca>. Acesso em: 29 ago. 2022.

- **Nível 1:** texto primeiro que suscita os demais comentários, no caso de nosso *corpus*, o artigo a respeito do aborto.
- **Nível 2:** comentário-resposta ao artigo (texto primeiro).
- **Nível 3:** comentário-resposta que interage com um comentário-resposta do **nível 2**.
- **Nível 4:** comentário-resposta que tem como comentário-alvo um comentário do **nível 3**.
- **Nível 5:** comentário-resposta que tem como comentário-alvo o comentário de **nível 4** e assim sucessivamente.

Embora todo conteúdo do *corpus* esteja disponível no portal do jornal Gazeta do Povo on-line, para qualquer usuário que acesse esse site, optamos por trabalhar com nomes fictícios, com as iniciais do nome registrado no perfil da plataforma, para preservar o sigilo e a identidade dos autores dos comentários.

Quadro 5. Polílogo de comentários do artigo da Gazeta do Povo

| | Nível 1 | |
|---|---------|----------|
| | Nível 2 | |
| | Nível 3 | |
| | Nível 4 | |
| | Nível 5 | |
| Comentário | Nível | Reação |
| <p>Comentador: S Esses baderneiros fizeram manifestações contra o aborto sem se importar com a vida. Só queriam se aparecer. Vai lá e dão apoio em dinheiro e moral para a mãe até completar 18 anos. O resto é resto. O que iam fazer? abandonos, como muitas crianças na rua...</p> | 2 | 15 12 |
| <p>Comentador: IG gostou do modo que o bebê foi morto?</p> | 3 | 6 13 |
| <p>Comentador: VLD Realmente é uma situação muito triste!!!!</p> | 4 | 7 |
| <p>Comentador: M [IG]: os sentimentos da criança estuprada não valem nada, só do feto?</p> | 4 | 5 5 |
| <p>Comentador: EO [IG]: bebê não, feto.</p> | 4 | 3 7 |
| <p>Comentador: E [EO]: nada como usar eufemismos para justificar as coisas né? Vida é vida. Duas vidas destruídas, uma por um homem canalha e monstruoso, outra pela nossa sociedade baseada em sentimentalismo.</p> | 5 | 4 2 |

Fonte: Elaboração nossa

O comentário inicial de S (nível 2) apresenta, no primeiro complexo oracional, uma expressão agressiva, “Esses baderneiros”, uma ameaça direta à face positiva daqueles que foram ao Centro Integrado de Saúde Amauri de Medeiros (Cisam), em Recife, onde ocorreria o aborto tratado no artigo da GP, manifestar repúdio ao médico que realizaria o procedimento, bem como àqueles que defendiam a iniciativa dos manifestantes, ou, por algum motivo, se identificavam com as ações deles. Chamar os manifestantes de “baderneiros” constitui uma impolidez negativa, pois atenta contra a reputação social de defensores da vida que os membros do grupo esperam ter. Essa forma de se referir ao grupo constitui também uma subestratégia de impolidez positiva, no sentido de “usar nomes depreciativos” (Culpeper, 1996, p. 358) em relação ao outro, com o intuito de desqualificar sua reputação.

Em termos de avaliatividade, essa atitude de S manifesta um julgamento negativo de sanção social relativo à propriedade, no sentido de que “baderneiros” sugere uma conduta antiética ou ilegal, contrária às normas sociais, por parte dos manifestantes. Como afirma Gonçalves-Segundo (2011, p. 172), “a sanção social abarca avaliações usualmente codificadas pela cultura da escrituralidade, por meio de decretos, regras, regulamentos e leis”.

Ainda neste mesmo segmento, S acusa os manifestantes de serem incoerentes e inconsequentes: “fizeram manifestações contra o aborto sem se importar com a vida”. Tal acusação constitui, por sua vez, uma ameaça à face positiva desses ativistas. Esse ataque de S é direcionado ao mote central do grupo que se posiciona contra o aborto, de modo geral e também nesse caso específico: a defesa da vida. Esses manifestantes se posicionam, discursivamente, como integrantes de um movimento pró-vida. Tal posicionamento constitui, como mencionamos acima, também uma das “convicções” editoriais do próprio jornal no qual foi publicado o artigo, a convicção 4: “Defesa da vida desde a concepção” (*As convicções editoriais da Gazeta do Povo em resumo* [01/02/2019]). Nesse sentido, S efetua um segundo ataque à face positiva dos integrantes do grupo, à expectativa de aprovação que eles podem ter para justificar suas ações que buscam impedir a efetuação do aborto da gestante de 10 anos. É possível notar que o ataque de S também se estende a todos aqueles que se sentem representados por essa defesa da vida desde a concepção expressa pelo jornal e a defendem mesmo em

situações limítrofes como demonstra ser esse caso específico. S não faz uma crítica específica às ideias dos manifestantes pró-vida, mas um ataque genérico ao grupo de pessoas que se manifestavam contra o aborto, chamando-os de "baderneiros". S generaliza de forma maniqueísta a identidade e os motivos do grupo do qual ele discorda. Sua visão da manifestação como mera encenação descredibiliza a perspectiva pró-vida, reforçando a fronteira entre um "nós" (os sensatos) e um "eles". Constitui-se, portanto, na perspectiva de Amossy (2017), uma retórica de polarização por meio da qual se consolidam identidades coletivas antagônicas. A complexidade do tema do aborto se perde, e o debate se torna uma arena em que grupos rivalizados disputam poder simbólico. Como defende a autora, essa dinâmica tanto dificulta o debate sobre temas de interesse público quanto intensifica a dicotomização.

A expressão contida nessa primeira sentença, "sem se importar com a vida", constitui ainda um julgamento que nos parece significativo em termos de caracterização da violência verbal expressa no comentário de S. Trata-se de um julgamento negativo de estima social associado à [falta de] tenacidade, no sentido de não comprometimento efetivo do grupo com a defesa da vida.

Esse julgamento negativo é intensificado com a próxima sentença: "Só queriam se aparecer". Notamos que esse julgamento negativo e de sanção social ocorre também de forma inscrita e é relativo à honestidade, uma vez que sugere um comportamento hipócrita ou mentiroso por parte dos manifestantes, que teriam interesses incoerentes com a defesa da vida, segundo S, ao se manifestarem contra a realização do aborto no caso em análise.

Notamos ainda, nessa mesma expressão, mais uma estratégia de impolidez positiva que visa a causar mais danos à face positiva do grupo. Ao atacar um dos valores mais caros ao grupo, afirmando que os manifestantes não se importavam com a vida e só queriam aparecer - o que, segundo Culpeper (1996, p. 358), constitui uma subestratégia de impolidez positiva: busque discordância, selecione um tópico sensível -, S fere também a sensibilidade dos leitores do jornal que compartilham de sua "convicção" de defesa da vida desde a gestação.

Na sequência do comentário de S - “Vai lá e dão apoio em dinheiro e moral para a mãe até completar 18 anos. O resto é resto. O que iam fazer? abandonos, como muitas crianças na rua...” -, observamos uma divergência entre ele e os manifestantes anti-aborto que está centrada em valores. Enquanto para os manifestantes o valor a ser defendido, preservado, é o feto em desenvolvimento no útero da criança de 10 anos, para S o que importa é garantir dignidade e condições adequadas de vida à gestante até o nascituro completar 18 anos. Como afirmam Perelman e Olbrechts-Tyteca (2020[1958], p. 85), em uma discussão - no domínio da argumentação - é possível que um valor seja desqualificado, subordinado a outros, ou interpretado.

Partindo dessa perspectiva, é possível inferir que o desacordo entre S e os manifestantes se dá com base na própria concepção de defesa da vida. Defender a vida equivale, para os manifestantes, a evitar o aborto e, para S, a auxiliar financeiramente e moralmente a gestante e o bebê até os 18 anos de idade. Nesse contexto de desacordo com base em valores, a violência verbal emerge e se materializa em atitudes de julgamentos negativos e atos de impolidez positiva da parte de S em relação aos manifestantes anti-aborto e àqueles que se sensibilizam em favor da causa que o grupo diz defender.

Nesse sentido, embora curta, a primeira resposta ao comentário de S é perspicaz e impactante, como podemos observar a seguir.

| | | |
|---|---|---|
| Comentador: IG gostou do modo que o bebê foi morto? | 3 |  6  13 |
|---|---|---|

Não há resposta simples (sim/não) para esse comentário de IG que evite pôr em risco a face positiva de S, a quem IG se dirige no comentário. É importante mencionar que o artigo da Gazeta do Povo, além de expor uma foto chocante de um aborto em primeiro plano³, traz também uma descrição do procedimento médico do aborto feita por uma profissional especialista da área, em outras palavras, uma autoridade no assunto, em termos argumentativos:

³ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/como-conflito-barbarie-bocalidade-nao-salva-crianca>. Acesso em: 29 ago. 2022.

A ginecologista e obstetra Elizabeth Kipman, coordenadora nacional de Bioética do Movimento da Cidadania pela Vida - Brasil sem Aborto, explica que o aborto provocado se torna mais complicado quanto maior o tempo de gestação.

O procedimento, segundo ela, começa com a morte do bebê dentro do útero. "Primeiro se mata o nenê atravessando uma agulha comprida pela barriga da mãe. Atravessa o útero até chegar ao coração do nenê. O nenê foi morto com uma injeção de cloreto de potássio", diz. (Jornal Gazeta do Povo)

A pergunta de IG a S parte desse conhecimento compartilhado, que é reforçado pela foto destacada pelo jornal no início do artigo. Nesse caso, entendemos que ocorre uma impolidez positiva e que IG recorre a uma subestratégia de impolidez descrita por Culpeper (1996, p. 358): "Faça o outro se sentir desconfortável". Não se trata de "gostar" ou não de um procedimento de aborto. A pergunta feita por IG coloca S em uma situação de não resposta, de desconforto, ao mesmo tempo em que constitui um julgamento negativo de sanção social de propriedade em relação a S. Ao perguntar se S "gostou do modo que o bebê foi morto", IG faz uma insinuação de que S apoiaria o sofrimento e a crueldade praticada contra o feto, visto que ele é a favor do aborto no caso em análise, o que violaria valores éticos fundamentais como o respeito à vida e à integridade física. Nesse sentido, o comentário de IG configura um julgamento negativo sobre o caráter moral e a personalidade de S, mediante uma acusação velada de que ele seria uma pessoa sem sentimentos e sem empatia.

Na perspectiva da pergunta de IG, concordar com o aborto equivaleria a concordar com a crueldade do procedimento descrito no artigo e/ou mostrado na foto, ao que ele reage agressivamente. Evidencia-se assim o desacordo entre ele e S no que se refere ao aborto da criança gestante. A subestratégia de impolidez positiva e o julgamento negativo de sanção social de propriedade constituem dessa forma uma motivação para a resposta violenta ao comentário de S, em uma tentativa de deslegitimar o posicionamento dele, atacando seu caráter moral.

Sobre os demais comentários, tecemos algumas considerações gerais, mas antes os reportamos para uma releitura.

| | | |
|---|---|--|
| <p>Comentador: VLD Realmente é uma situação muito triste!!!!</p> | 4 |  7 |
| <p>Comentador: M [IG]: os sentimentos da criança estuprada não valem nada, só do feto?</p> | 4 |  5  5 |
| <p>Comentador: EO [IG]: bebê não, feto.</p> | 4 |  3  7 |
| <p>Comentador: E [EO]: nada como usar eufemismos para justificar as coisas né? Vida é vida. Duas vidas destruídas, uma por um homem canalha e monstruoso, outra pela nossa sociedade baseada em sentimentalismo.</p> | 5 |  4  2 |

O comentário de VLD introduz o quarto nível de interação e expressa empatia em relação ao apelo feito por IG ao sofrimento do bebê, solidarizando-se com a situação dolorosa. O comentário de M, no mesmo nível de interação (4), confronta diretamente a defesa de IG que, segundo M, desconsidera os sentimentos da gestante, o que pode ser entendido como uma estratégia de impolidez indireta - conforme Culpeper (1996), uma impolidez *off-record*. Ao fazer a pergunta retórica, M insinua que IG menospreza os sentimentos da gestante vítima de um estupro.

Dessa forma, M traz à tona uma contradição no posicionamento de IG: no afã de atacar o procedimento do aborto, ele estaria negligenciando a vítima de uma violência grave (a "criança estuprada"). Na perspectiva de Culpeper (1996), podemos notar ainda que o comentário de M tende a associar IG a algo negativo, a uma defesa incoerente, que olha para o feto esquecendo-se da gestante. Essa ação é classificada como uma subestratégia de impolidez negativa pelo autor: "associe explicitamente o outro a um aspecto negativo" (Culpeper, 1996, p. 358).

Essa associação constitui um julgamento negativo de sanção social que indica, ao mesmo tempo, uma atitude de hipocrisia (falta de honestidade) e imoralidade (falta de moral, de propriedade) - no sentido que é contraditória e indefensável -, da parte de IG, em relação aos sentimentos da "criança estuprada". Tal atitude remete ao desacordo entre M e IG no que se refere à abordagem do caso em discussão. Não é possível afirmar, a partir do *corpus*, que M esteja fazendo uma defesa do aborto, mas é possível notar que ele

discorda da postura de IG, que se opõe ao aborto, chama a atenção para o feto e negligencia a gestante.

EO interpela IG precisando que não se trata de “bebê”, mas de “feto”. Essa mesma escolha vocabular e semântico-discursiva também se nota no comentário de M, embora ele não a reivindique, como faz EO. Dessa forma, ele traz à tona um ponto central da polemicidade e do desacordo acerca do aborto e, com isso, realimenta o conflito.

A escolha entre as palavras “bebê” (IG) e “feto” (M e EO) – inclusive destacada por EO – para se referir à gestação evidencia vinculações a diferentes discursos, visões de mundo e posicionamentos dicotômicos a esse respeito. Falar em “bebê” vincula-se a uma posição pró-vida, que atribui personalidade, direitos e status moral ao embrião/feto. Enquanto a palavra “feto” carrega uma visão distinta, que faz o oposto. Essas oposições terminológicas, portanto, manifestam e reforçam dicotomias pré-existentes sobre quando a vida humana se inicia, seu valor moral e seus direitos – questões que estão na raiz das controvérsias relacionadas ao aborto e dos desacordos entre os comentaristas do artigo. Dessa forma, escolher uma ou outra palavra constitui uma forma de demarcar a adesão do locutor a uma das posições antagônicas nesse debate complexo. Nesse sentido, os termos em si mesmos operam como marcadores discursivos de proximidade e antagonismo em relação a certas visões de mundo, conforme salienta Amossy (2017), ao elucidar como as polarizações que ordenam um debate também se manifestam, sutil, mas poderosamente, nas escolhas lexicais dos participantes de um debate.

Segundo Culpeper (1996), buscar a discordância, trazendo ao debate tópicos sensíveis, constitui uma subestratégia de impolidez positiva, nesse caso em relação a IG e àqueles que se sensibilizam à sua defesa contra o aborto. De fato, nota-se no comentário de E uma reação contrária à construção semântico-discursiva de EO. Com certo sarcasmo – “nada como usar eufemismos para justificar as coisas né?” –, E acusa EO de justificar o aborto – entendido por E como uma destruição da vida – por meio de estratégias de elocução, figuras de linguagem, que visariam esconder argumentos inconsistentes.

A análise desenvolvida nessa primeira cadeia de comentários do artigo publicado pela Gazeta do Povo nos permite depreender, inicialmente, que a

violência verbal, nesses comentários, se relaciona fortemente com o desacordo entre posicionamentos distintos sobre o aborto. Com base na teoria da impolidez (Culpeper, 1996; 2005), da avaliatividade (Martin; White, 2005; Gonçalves-Segundo, 2011) e do acordo (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2020[1958]), foi possível evidenciar como julgamentos negativos, estratégias e subestratégias de impolidez são mobilizados pelos participantes da discussão para deslegitimar visões divergentes e atacar valores importantes para o grupo oposto. As escolhas linguísticas dos comentadores expressam avaliações que sancionam socialmente ou diminuem a estima do oponente, gerando atritos e hostilidade. Dessa forma, o confronto de sistemas de valores em torno de uma questão moralmente sensível como o aborto motiva atos verbais ofensivos e agressivos, caracterizando a violência verbal observada no polílogo analisado, como podemos observar no quadro abaixo (Quadro 6).

Quadro 6. Síntese da análise

| | S N 2 | | |
|----------------|--|---|---|
| COMENTÁRIO | Esses baderneiros... | ...fizeram manifestações contra o aborto sem se importar com a vida. | Só queriam se aparecer. Vai lá e dão apoio em dinheiro e moral para a mãe até completar 18 anos. O resto é resto. O que iam fazer? abandonos, como muitas crianças na rua... |
| DESACORDO | <ul style="list-style-type: none"> • Suposto desacordo em relação à atitude dos manifestantes. | <ul style="list-style-type: none"> • Suposto desacordo em relação à atitude dos manifestantes. | <ul style="list-style-type: none"> • Evidencia-se um desacordo acerca da própria aceção de "defesa da vida", que constitui o valor central do grupo de manifestantes |
| IMPOLIDEZ | <ul style="list-style-type: none"> • Ameaça à face positiva dos manifestantes • Impolidez positiva • Subestratégias de impolidez: "use nomes depreciativos" | <ul style="list-style-type: none"> • Ameaças à face positiva dos manifestantes • Impolidez positiva | <ul style="list-style-type: none"> • Subestratégias de impolidez positiva, que visa a causar danos à reputação dos manifestantes: "Só queriam se aparecer." |
| AVALIATIVIDADE | <ul style="list-style-type: none"> • Julgamento negativo de sanção social que sugere uma conduta antiética ou ilegal, contrária às normas sociais, por parte dos manifestantes | <ul style="list-style-type: none"> • Julgamento negativo de estima social (sem se importar com a vida) associado à [falta de] tenacidade, no sentido de não comprometimento com a defesa da vida | <ul style="list-style-type: none"> • Julgamento negativo, nesse caso de sanção social relativo à honestidade: "Só queriam se aparecer." |
| | IG N 3 | M N 4 | EO N 4 |
| COMENTÁRIO | gostou do modo que o bebê foi morto? | os sentimentos da criança estuprada não valem nada, só do feto? | bebê não, feto. |
| DESACORDO | <ul style="list-style-type: none"> • Desacordo em relação ao aborto da criança grávida, do caso em questão | <ul style="list-style-type: none"> • Desacordo entre M e IG no que se refere a abordagem do caso em discussão | <ul style="list-style-type: none"> • Desacordo em relação a IG quanto à visão sobre o feto/bebê |
| IMPOLIDEZ | <ul style="list-style-type: none"> • Impolidez positiva • Subestratégias de impolidez: "faça outro se sentir desconfortável" | <ul style="list-style-type: none"> • Estratégia de impolidez indireta: com a pergunta retórica, M insinua que e IG menospreza os sentimentos da gestante • Subestratégia de impolidez negativa: associe o outro a um aspecto negativo | <ul style="list-style-type: none"> • Subestratégias de impolidez positiva em relação a IG e àqueles que se sensibilizam a sua defesa contra o aborto |
| AVALIATIVIDADE | <ul style="list-style-type: none"> • Julgamento negativo de sanção social de propriedade, iniciando que S apoiaria a curiosidade praticada contra o feto, que S seria uma pessoa sem empatia/sentimento | <ul style="list-style-type: none"> • Julgamento negativo de sanção social em relação aos sentimentos da "criança estuprada": hipocrisia (falta de honestidade) e imoralidade (propriedade) | <ul style="list-style-type: none"> • Não evidenciado |

Fonte: Elaboração nossa

Considerações finais

A análise desenvolvida neste capítulo buscou investigar a emergência da violência verbal em uma cadeia de comentários online sobre a temática polêmica do aborto. Partindo de um arcabouço teórico-metodológico focado nos conceitos de polêmica, impolidez e avaliatividade, acordo e desacordo, elaboramos um procedimento de análise que busca examinar a manifestação de atos de violência verbal nas interações entre os autores de comentários feitos a um artigo de um jornal on-line, caracterizar essa violência verbal e depreender suas vinculações subjacentes com acordos e/ou desacordos.

Com base na análise desenvolvida neste capítulo, entendemos que foi possível demonstrar a produtividade desse aparato teórico, bem como do procedimento de análise elaborado com base nele, para descrever as condições interacionais propícias ao surgimento da violência verbal, suas estratégias de manifestação nos comentários e suas conexões com desacordos subjacentes, em torno dos quais se constroem dinâmicas identitárias e vinculações discursivas antagônicas e polarizantes. Contudo, entendemos que esse procedimento de análise precisa ser aplicado a corpora mais extensos e diversificados de interações polêmicas e de desacordo para ser mais consolidado.

Isso possibilitaria consolidar e possivelmente refinar o procedimento de análise proposto neste capítulo, conferindo-lhe maior consistência descritiva e explicativa. Nesse sentido, pretendemos dar continuidade à aplicação do procedimento analítico no estudo dos comentários. Entendemos que esse percurso é promissor, no intuito de aprofundar o entendimento dos complexos processos interacionais e discursivos subjacentes à violência verbal em meio digital.

Referências

AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017.

AMOSSY, Ruth. La coexistence dans le dissensus. La polémique dans les forums de discussion. **SEMEN Révue de sémio-linguistique des textes et discours**, Toulouse, v. 31, p. 25-42, 2011. DOI: <https://doi.org/10.4000/semen.9051>.

AMOSSY, Ruth. O intercâmbio polêmico em fóruns de discussão online: o exemplo dos debates sobre as opções de ações e bônus no jornal Libération. **Comunicação e Sociedade**, v. 19, p. 319-335, 2011. DOI: [http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.19\(2011\).914](http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.19(2011).914).

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto; PIRIS, Eduardo Lopes. Argumentação erística nas interações digitais: uma polêmica médica sobre a cloroquina no Debate 360 da CNN Brasil. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 29, n. 4, p. 2289-2333, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.29.4.2289-1333>

CULPEPER, Jonathan. Impoliteness and entertainment in the television quiz show: The Weakest Link. **Journal of Politeness Research**, v. 1, n. 1, p. 35-72, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1515/jplr.2005.1.1.35>.

CULPEPER, Jonathan. Towards an anatomy of impoliteness. **Journal of Pragmatics**, v. 25, n. 3, p. 349-367, 1996.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. **Tradição, dinamicidade e estabilidade nas práticas discursivas: um estudo da negociação intersubjetiva na imprensa paulistana**. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. Polidez e impolidez nos debates políticos televisivos: o caso dos debates entre dois turnos dos presidentes franceses. In: SEARA, Isabel Roboredo (ed). **Cortesia: olhares e (re) invenções**. Lisboa: Chiado Editora, 2014, p.47-82.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. La polémique et ses définitions. In: GELAS, Nicole; KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. (org.). **Le discours polémique**. Lyon: Presses Universitaires de Lyon. 1980. p. 3-40.

MARTIN, James; WHITE, Peter. **The language of evaluation: appraisal in English**. New York/Hampshire: Palgrave Macmillan, 2005.

MELO, Mônica Santos de Souza. Da polêmica aos discursos de ódio: um estudo da recepção no twitter sob a perspectiva semiolinguística. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, p. 1959-1982, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.28.4.1959-1982>.

NEVES, Daniel Monteiro. **Debates orais no Supremo Tribunal Federal: um modelo de interação polêmica**. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-AV5N4J>.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas**. Campinas: Pontes Editores, 2021.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação**. São Paulo: Martins Fontes, 2020[1958].